**Características produtivas e fenológicas do feijão carioca (*Phaseolus vulgaris l.*) cultivado no Semiárido Alagoano**

**Introdução**

O feijão é um excelente alimento, fornecendo nutrientes essenciais ao ser humano, como proteínas, ferro, cálcio, magnésio, zinco, vitaminas (principalmente do complexo B), carboidratos e fibras. Representa a principal fonte de proteínas das populações de baixa renda e constitui um produto de destacada importância nutricional, econômica e social. Além de ser um dos alimentos mais tradicionais na dieta alimentar do brasileiro. Portanto, a sua contribuição como fonte de proteína e caloria é bastante significativa. Quanto ao aporte de calorias, o feijão ocupa o terceiro lugar entre os alimentos consumidos, totalizando 11,2% das calorias ingeridas por dia (SOARES, 1996).

O Brasil é o maior produtor mundial de feijão comum. As produções de feijão em grão nos anos de 1975 e 2005 foram, respectivamente, de 2,28 milhões e 3,08 milhões de toneladas, com uma média de 2,54 milhões de toneladas no período (FAO, 2006).

A área colhida de feijão no Brasil, que em 1975 era de 4.145.916 hectares, aumentou para 5.926.143 em 1982 e em 2005 foi de 3.812.040 hectares. Assim, houve uma redução de 8,1% no período 1975-2005, liberando 333.876 hectares para outras atividades em 30 anos (FAO, 2006). Essa diminuição da área colhida ocorreu na primeira e na segunda safras, enquanto a área da terceira safra aumentou. Conforme dados do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) entre 1990 e 2005, a área da primeira safra diminuiu de 2.491.312 para 2.015.618 hectares (-19,1%), a da segunda diminuiu de 1.981.374 para 1.543.240 hectares (-22,1%) e a da terceira safra aumentou de 207.399 para 207.920 hectares (+0,3%) (IBGE, 2006b).

A cultura do feijão no Estado de Alagoas tem-se mostrado promissora e de interesse econômico para o estado, e a maior produção provém da Região de Santana do Ipanema. Em anos normais, em que as precipitações (média de 830 mm) são bem distribuídas, a produtividade atinge até 800 kg/ha usando cultivares locais (Silva e Barbosa 1986).

Por ser um alimento básico e de fácil aquisição pela população, é amplamente cultivado por produtores das regiões Norte e Nordeste do país sendo, portanto a principal fonte de proteína vegetal para as populações rurais (MELO ,2002).

Na alimentação dos brasileiros, o feijão é a principal fonte de proteína, seguido, em importância pela carne bovina e pelo arroz. Apenas esses três alimentos básicos contribuem com 70% da ingestão protéica, além de ser uma cultura de grande expressão sócio-econômica no Brasil (LAJOLO et al., 1996).

Portanto, objetivou-se com esse trabalho estipular a produção do feijão carioca (*Phaseolus vulgaris Pinto Group)* cultivado no semiárido Alagoano.

**METODOLOGIA**

O trabalho foi realizado no no Campus II da Universidade Estadual de Alagoas, em Santana do Ipanema, onde o mesmo está situado na região do Nordeste do Brasil e mesorregião do sertão alagoano, com uma distância de 207 km da capital Maceió. Em um solo franco-arenoso argiloso de cor vermelha segundo classificação da EMBRAPA solos, UEP, Recife.

O preparo do solo foi feito com uma aração, não foi utilizado nenhuma adubação nem correção de solo. Antes da instalação do experimento, foram coletadas amostras de solo na camada de 0 a 0,20 m de profundidade, para realização de análises químicas, cujos resultados estão apresentados na Tabela 1. O experimento foi realizado com o feijão da variedade IAC Imperador cuja variedade foi plantada no mês de junho/2017. Foi utilizado o delineamento em blocos casualizados, com 10 repetições, totalizando 6 tratamentos e 3 parcelas. A semeadura foi realizada de forma manual, utilizando o espaçamento de 0,30m entre plantas e 0,50m entre linhas e 3,60m linear por fileiras. Cada parcela tinha 4 linhas com 12 plantas cada, totalizando 48 plantas por parcelas, sendo a área útil 20 plantas.

Os dados foram coletados semanalmente fazendo o acompanhamento das seguintes variáveis: a)Altura da Planta, coletou-se 10 plantas da segunda e terceira linha de cada parcela, medindo a altura do colo até o ápice de cada planta com régua graduada em centímetros; b) Quantidade de folíolos, por plantas da segunda e terceira linha de cada parcela.

Após 8 coletas posteriormente avaliou-se outros índices filotécnicos como: quantidade de folhas; peso das folhas; altura do caule, com régua graduada em centímetros; peso do caule; quantidade de vagens por plantas, foi determinado mediante a contagem do número total de vagens com pelo menos um grão por planta, avaliado em 10 plantas coletadas dentro da área útil de cada área experimental; comprimento da vagem, com régua graduada em centímetros; aiâmetro da vagem, os dados foram obtidos com a utilização do paquímetro; quantidade de grãos por vagens; comprimento da raiz, com régua graduada em centímetros e peso da raiz. Os dados foram compilados em planilha Microsoft Excel, e depois analisado pelo soft estatístico SISVAR , sendo as médias comparadas pelo teste de Tukey a 5% de probabilidade.

**RESULTADOS DE DISCUSSÃO**

REFERENCIAS

SOARES, A. G. Consumo e qualidade nutritiva. In: REUNIÃO NACIONAL DE PESQUISA DE FEIJÃO, 5., 1996, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFGO, 1996. v. 2, p. 73- 79.

DA SILVA, Cleonor CA; DE LIMA BARBOSA, Sérgio M. Surto do percevejo de renda, Gargaphia torresi, na cultura do feijão em Alagoas. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 21, n. 9, p. 1003-1004, 1986.

MELO, R. F. de **Interações rizóbio, fungo microrrizico e adubação com NPK em feijão de corda**. 2002. 62 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

FAO. **Base de dados FAOSTAT.** Disponível em: <http://apps.fao.org> . Acesso em: 05 out. 2018.

INSTITUDO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA-IBGE. Estimativas da população. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 05 out 2018.

LAJOLO, F. M.; GENOVESE, M. I.; MENEZES, E. W. Qualidade nutricional. In: ARAUJO, R. S.; AGUSTÍN- RAVA, C.; STONE, L. F.; ZIMMERMANN, M. J. de O. (Coords.). **Cultura do feijoeiro comum no Brasil**. Piracicaba: Potafos, 1996. p. 71-99.